

O TERROR NA CHINA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 5.7.1989

O terror na China - a condenação à morte de estudantes e trabalhadores que participaram da recente revolta estudantil a favor da democracia - é obviamente mais um sinal do fracasso do comunismo, ou mais precisamente, do estatismo, em garantir os direitos políticos básicos a seus cidadãos. Diante do desafio - certamente imprudente, dado o desequilíbrio das forças - dos estudantes que se concentraram na praça da Paz Celestial, em Pequim, o governo acabou reagindo com inacreditável violência, massacrando centenas de manifestantes, e agora dedica-se a reprimir de forma sanguinária os participantes mais visíveis do movimento, ao mesmo tempo que se lança em uma campanha ideológica interna para demonstrar o caráter "contra-revolucionário" do movimento estudantil.

Está, entretanto, longe de ser óbvia a resposta a uma pergunta fundamental que é necessário fazer diante do terror chinês: até que ponto é possível para uma sociedade estatal realizar pacificamente a transição para a democracia e para formas mais próximas do capitalismo? Esta pergunta se coloca não apenas porque existe uma posição teórica que nega essa possibilidade (é a visão adotada especialmente por Alexandre Zinoviev), mas também porque há dez anos teve início, na China, com grande êxito econômico, sob a liderança do mesmo Deng Chao Ping que agora ordena a repressão, a política das "quatro modernizações", que está descentralizando a economia chinesa, abrindo suas fronteiras para o capital externo, e introduzindo no país formas crescentemente capitalistas de produção.

A posição de Zinoviev vem sendo negada na União Soviética, com a glasnost e a perestroika, vem sendo negada na Polônia, onde o sindicato Solidariedade foi reconhecido, transformou-se em partido político e ganhou as eleições, na Hungria, onde as reformas políticas e econômicas estão avançadíssimas, com instituições tipicamente capitalistas misturando-se com as estatais de uma forma que seria impossível imaginar há alguns anos atrás.

Por que, então, esse enorme retrocesso político na China? Talvez a melhor explicação seja a de que a transformação econômica na China não foi acompanhada

por transformação política. Afinal Deng sempre foi, na China, o príncipe da tecnoburocracia. A grande luta de Mao Tse-Tung no final de sua vida foi a luta contra a tecnoburocracia, contra o estatismo, que Deng representava. Nessa luta, cuja manifestação foi a Revolução Cultural, Mao equivocou-se. Imaginou que estava realmente fazendo uma nova revolução e por isso usou de uma violência, de um enorme autoritarismo, ao mesmo tempo que descuidava da parte econômica.

Mao fracassou em sua última tentativa. Foi vitorioso Deng. Foi vitoriosa a tecnoburocracia, que, em nome da eficiência - que tanto preza mas raramente logra - decidiu abrir a economia chinesa para o ocidente. Mas era apenas em nome da eficiência. Nada tinha a ver com a democracia, com os os valores políticos que têm na liberdade um fim em si mesmo, tão importante quanto o bem-estar e a igualdade social. Por isso, quando a reforma econômica despertou nos estudantes e em uma parte do povo chinês a esperança na democracia, veio a repressão tecnoburocrática.

Fica assim mais uma vez demonstrado que reforma econômica só pode ser plenamente bem sucedida se acompanhada por correspondente reforma política em direção à democracia. Isto vale tanto para o estatismo quanto valeu no passado para o capitalismo. Este começou de forma autoritária e elitista. Só depois de uma longa luta política tornou-se democrático. O estatismo terá que descentralizar-se economicamente e aproximar-se de formas capitalistas para tornar-se democrático, mas a democracia só será alcançada nos países hoje comunistas se, ao mesmo tempo e de forma autônoma, a reforma política democrática for buscada.